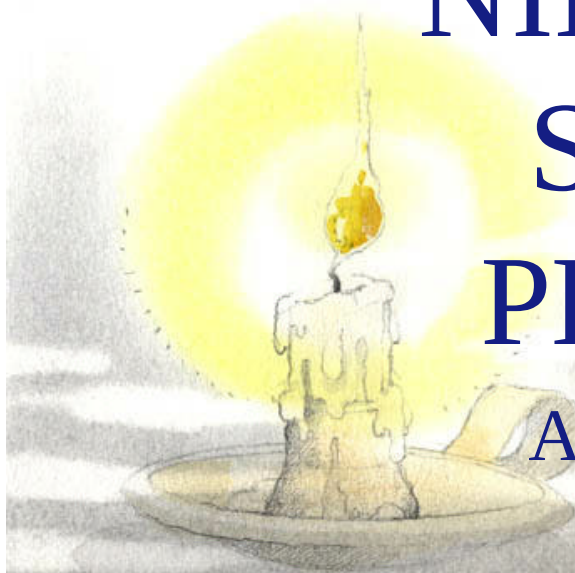


NINGUÉM É SEMPRE PERFEITO



António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

No tempo em que ainda não havia luz eléctrica, mas pouco faltava, quem quisesse trabalhar ou ler depois do Sol posto alumiaava-se com candeeiros de petróleo. Os mais pobres, sem dinheiro para o petróleo, usavam velas de sebo.

Era o caso do poeta da nossa história. Estava ele, à noite, a escrever uns versos, iluminado apenas pela luz do luar e pela chama incerta de uma velinha a finar-se, quando uma nuvem interceptou a luz da Lua.

– Ai! – lamentou-se o poeta. – Não tarda que a vela acabe. Como vou eu conseguir terminar o poema?

Abriu a janela e gritou:

– Vento, se és meu amigo, afasta a nuvem, para que o luar volte a iluminar-me.

O vento terá ouvido o pedido e rodopiou numa súbita ventania. Tanta foi que soprou a vela do poeta. Ficou o pobre às escuras.

– Vento, tu não percebeste o que te pedi – irritou-se o poeta. – És um desastrado.

Do céu carregado de nuvens começou a cair uma valente chuvada.

– Pronto. Não precisas de chorar. Ninguém é sempre perfeito – disse o poeta ao vento.

Fechou a janela e, resignado, foi para a cama às apalpadelas. Ficou o poema em meio. Não se perdia grande coisa, que o poema valia pouco. Ninguém é sempre perfeito...

FIM